



O que

VALE A PENA

Lembrar

H.JESUS



Carta da Autora

Caro leitor(a),
Tive de escrever para você.

Precisava repassar algumas informações que podem ser valiosas no momento em que iniciar essa leitura.

Minha obra possui um teor romântico muito intenso, porém também carrega em suas páginas situações que podem acabar por despertar em você gatilhos e mal-estar, isso porque alguns dos acontecimentos remetem a situações desconcertantes, intensas e até mesmo revoltantes. Saiba que como autora desejo a melhor experiência para você, desejo que se encante com minha obra e goste muito dela, mas tudo isso com a consciência de que poderei deixar um gosto amargo em sua garganta. Mas garanto que valerá a pena, a mensagem que desejo passar é bem importante, portanto aproveite, desfrute tudo o que puder de cada linha. E saiba também que tudo dentro dessas páginas está a seu critério. Todas as localidades desta obra são apenas fictícias, nada nelas remete realmente a realidade ou alguma vivência minha em qualquer desses ambientes. Sinta-se à vontade para imaginar os locais da maneira que desejar, não se prenda as cidades ou estados citados, tal qual o país onde ela se passa, a geografia desse enredo foi escolhido em um momento onde eu estava completamente submersa nos enredos de Nicholas Sparks, sonhando acordada em criar algo que de alguma forma se assimilasse as obras de um dos maiores escritores de romance do mundo, minha intenção não é me apropriar de cultura ou suprimir minha real origem, é apenas sair da minha zona de conforto e mergulhar em outras possibilidades, tanto quanto imagino que você leia pelo mesmo motivo. Pouquíssimas de minhas obras se passarão em meu

habitat, prefiro ser plural e me arriscar a escrever sobre diversas outras localidades, emergir na ideia e com isso viajar até tais lugares.

Espero que goste deste livro, que aprenda com ele, que divulgue, que me ajude a continuar a escrever, que me incentive com a sua opinião.

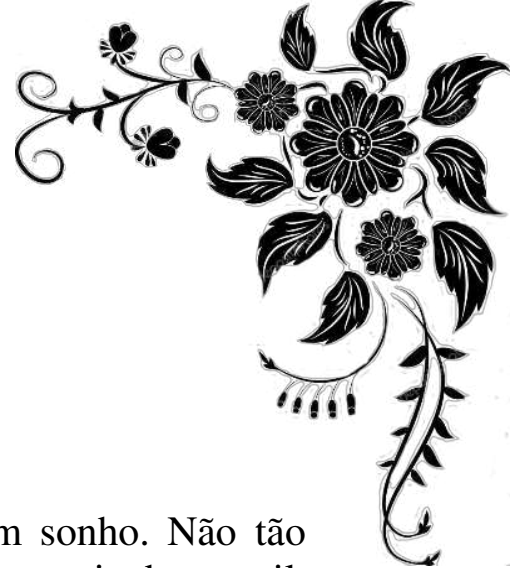
Estarei aguardando noticia sua nos comentários de minhas redes sociais e nos reviews da Livrorama.

Estou ansiosa pela sua resposta. Aguardo com muita resignação suas palavras de apoio ou de crítica.

Boa leitura.

Atenciosamente,

H.Jesus.



Dedicatória

Este livro veio para mim em forma de um sonho. Não tão poético e milagroso como possa parecer, mas de uma maneira bem sutil. Não havia nada moldado quando acordei, e nenhum pensamento que eu tivesse parecia suficiente para complementar as lacunas que ficaram após meu despertar, então eu apenas anotei as ideias e as cozinhei em minha mente durante um tempo, e pouco a pouco elas foram tomando forma, foram crescendo, até que alguma coisa já saísse delas, até que uma parte começasse a ser moldada.

Quando comecei a escrever este livro, falei dele para poucas pessoas, então serão poucos aos que posso dedicá-lo. Em toda minha sinceridade eu não sei se deveria haver uma dedicatória, mas a ética me diz que é necessário agradecer e enaltecer aqueles que estiveram ao meu lado durante o tempo em que escrevia esta estória.

À minha mãe o meu mais sincero obrigado, pelas brincadeiras que me distraíam quando minha cabeça já doía de tanto olhar para a tela do computador. Pelas brincadeiras sobre a fama que eu alcançaria, e até mesmo pelas brigas quando já não aguentava mais me ver dentro do quarto com os olhos fixos no monitor.

Ao meu namorado o mesmo agradecimento sincero. Por ter estado comigo durante a escrita, por ter me escutado falar exaustivamente sobre o enredo, por ter me ajudado nas correções e ideias, e principalmente pela comemoração via mensagem durante a madrugada quando revelei que havia terminado a escrita.

Agradeço de coração ao primeiro dos meus amigos a saber sobre o desenvolvimento desse livro, que como um anjo, como seu próprio nome sugere, me ajudou nas ideias, pacientemente me escudou, leu alguns trechos e me incentivou, e ao termino da escrita me parabenizou, como eu verdadeiramente esperava ser parabenizada, pois a ele também cabe o cunho de escritor, e por isso compartilhamos as mesmas aflições que envolvem uma obra.

Agradeço ao amigo a quem prometi enviar o livro assim que acabasse, pois há anos ele vinha pedindo para ler uma de minhas obras. Esse amigo que com sua insistência me incentivou a terminar o mais rápido possível essa literatura.

A Deus o maior agradecimento, pois mesmo acreditando estar em dívida com a grande divindade na qual acredito, as forças que vieram até mim para não desistir de minha obra não poderiam ser descritas como menos do que divinas.

A todos o meu sincero obrigado.

Essa obra é para todas as pessoas e principalmente para vocês.

Que essa seja a primeira de muitas dedicatórias.

Obrigado mais uma vez.



Prefácio do autor

Estive durante muito tempo buscando uma inspiração real para que o contexto do livro fizesse sentido, e acabei por encontrá-la nas telas das televisões, nas páginas dos jornais, nas publicações das redes sociais e no debate com pessoas do meu cotidiano.

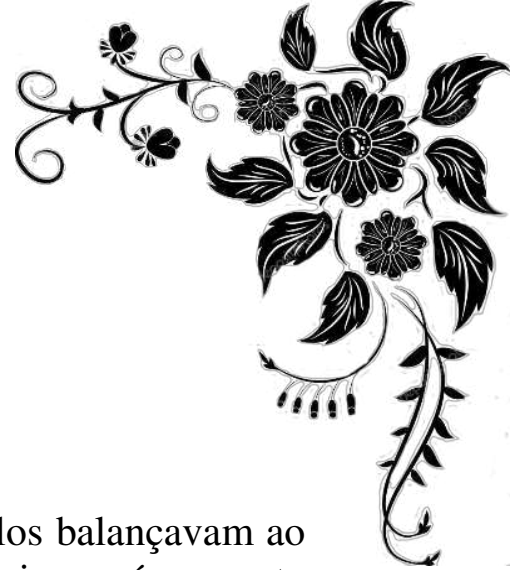
Nesta obra eu procuro apresentar aos meus leitores diferentes temas da vida que diversas vezes são ocultados pela aparente normalidade do que está ao nosso redor. *Nada é o que parece* foi a frase que me acompanhou durante a escrita de cada capítulo.

Possivelmente esta obra pode induzi-los a analisar um pouco mais o que na maioria das vezes é irrelevante, incitar os nervos e até mesmo fazê-los questionar o que realmente existe de normal no cotidiano. Mas não se irrite comigo, com o livro ou com os personagens, fazer com que as pessoas reflitam sempre foi meu principal objetivo ao escrever a obra, e nada melhor para trazer reflexão do que os enredos absurdos que eu desenvolvi.

Faz anos que tento escrever um livro, este foi o primeiro que terminei, em partes por ter o elaborado muito melhor do que todos os outros, mas principalmente por acreditar ser necessária a escrita de cada vez mais obras que de alguma maneira impactem. Existem outras obras que abordam temas semelhantes, e talvez meu livro seja realmente um em meio a milhares, mas ainda assim é uma contribuição para as bibliotecas, livrarias e prateleiras de quartos, que eu sinceramente espero que estejam sempre cheias de livros como este.

Ao ler esta obra saiba que minha intenção não é inovar, é apenas criar, ter o prazer de dizer que algo saiu da minha mente e se transformou em um livro completo, é trazer um pouco de questionamento, dores, aprendizados e romance. Aprendi muito escrevendo esta obra, espero que aprendam ou procurem aprender após lê-la, há mais do que a gente costuma ver por aí, há mais do que nós nos permitimos enxergar.

Que após lerem este livro vocês se questionem se tudo está realmente bem ao seu redor, assim como eu passei a me questionar se eu estou bem após escrever esta obra.



Prólogo

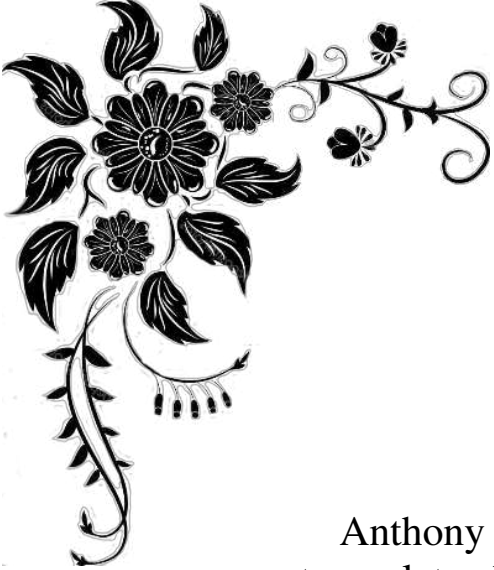
Ela era bonita. A maneira com que os cabelos balançavam ao vento, era fascinante. A voz dela o chamando o atraía, porém quanto mais caminhava em sua direção, mais longe ela estava dele. Aquilo era angustiante. Tentava correr, tentava lutar contra a distância, mas nenhum esforço era o suficiente para que conseguisse tocá-la. Ela estava ali, mas parecia não estar.

Parou de se esforçar, parou de lutar, e decidiu ficar apenas a observando. O sorriso dela lhe preenchia a alma, o azul vívido de seus olhos era de fazer qualquer homem se perder, e como ele queria se perder junto dela, esquecer quem era e viver para ela.

Não se afobou. Não se apressou. Caminhou a passos lentos até que finalmente fosse possível estar perto dela. Era necessária calma para se aproximar, ela exigia isso, ela precisava disso. Estendeu a mão e a tocou, mas não conseguiu sentir a pele dela. Ela era uma miragem, um sonho, que se desfez em segundos quando ele despertou.

Anthony sentiu aquela dor no peito dominá-lo novamente. Sensação de desespero de alguém que nunca iria alcançar o almejado. Quem era aquela mulher? Ela existia? Se sim, onde estava? Esperava por ele? Não sabia, não fazia a mínima ideia. Então chorou. De tão sozinho que estava, de bêbado como sempre esteve nos últimos anos. Nem aquela garota do sonho o queria. Um homem como ele não era digno do amor de alguém tão perfeito quanto sua ilusão.

Derramou muitas lágrimas antes de adormecer novamente. Antes de se encontrar novamente com ela, naquele mesmo campo.



Capítulo 1

Anthony terminou de rubricar os papeis sobre a mesa e fechou a pasta repleta de contratos, entregando-a ao advogado, que pediu licença e saiu. Se sentou despojado na cadeira estofada, colocando os pés sobre a mesa enquanto brincava com a caneta. Sorriu satisfeito e olhou para o irmão mais velho parado próximo à grande vidraça da sala de reuniões.

— Você diz constantemente que eu não invisto em nada. Pronto! Investi – Riu, enquanto Benjamin permanecia estático olhando através do vidro.

— Tem razão, acabou de comprar uma fazenda qualquer.

— Não é uma fazenda, é um haras. Haras e fazenda são completamente diferentes. Fazenda tem bois, haras tem cavalos.

— Fazendas também tem cavalos – Benjamin se virou para ele, sorrindo de lado.

— Eu não estou nem um pouco interessado em saber os pilares da agricultura, pecuária ou sei lá que sistema movimenta as fazendas...

— Ambos.

— Não me interrompa! – Olhou para o irmão com os olhos estreitos – Não me importo com nada disso. Só me importo em saber que irei transformar essa fazenda qualquer, como você acabou de chamar, em um belíssimo espaço de veraneio. Todos que tiverem o mínimo de bom gosto vão frequentar o local. Apenas sócios, é lógico. Estou pensando em comprar mais algumas propriedades ao redor e construir um haras hotel com direito a vários acres de um maravilhoso campo de golfe, garanto que você vai adorar. Vou fazer o que nosso pai sempre quis, vou ampliar os horizontes do império Bennett. Empreendedorismo, meu querido irmão.

Benjamin não respondeu. Caminhou pela sala ampla, contornando a mesa grande, e se sentou na confortável poltrona da cabeceira oposta, entrelaçando as mãos e as apoiando no móvel. Não

tinha nenhuma esperança de que Anthony levasse aquele projeto a diante, sabia que em algum momento o irmão se cansaria de tentar ser responsável e logo voltaria a agir como um devasso, deixando tudo em suas mãos como sempre costumava fazer, novamente teria de assinar um projeto por ele e ouvir posteriormente que roubou o negócio do irmão.

— Quanto tempo vai durar? – Estreitou ainda mais os olhos, direcionados para Anthony, que mexia freneticamente no celular – Largue isso agora, Anthony! – Rosnou, fazendo com que o irmão o olhasse – Eu perguntei quanto tempo vai durar?

— O que? – Anthony guardou o celular no bolso do terno, retirando os pés da mesa, se sentando igual ao irmão.

— Quanto tempo vai durar sua empolgação com esse projeto? Porque normalmente você assina alguns papéis, larga de lado depois de um tempo, e me manda fazer o que quiser como se fosse muito fácil arrumar as suas bagunças.

— Pode se tranquilizar, Benjamin. Esse projeto eu prometo que irei levar a diante até o último minuto. Não precisa se preocupar com ele. É algo do meu interesse, algo que sempre quis fazer.

Se levantou, indo em direção ao irmão, se sentando na beirada da mesa próximo dele.

— Amanhã eu irei para a propriedade com alguns amigos. Não precisa se preocupar, não estamos indo a passeio, vamos a trabalho. Talvez façamos uma festa, mas não se preocupe com isso também, será apenas um pouco de diversão. Como dizem, nenhum bom negócio vai para frente sem uma pequena festa para desencadeá-lo.

— Ninguém diz isso.

— Eu digo – Se levantou, abraçando o irmão e lhe dando um beijo no rosto – Boa tarde, irmão. E boa reunião chata, seja lá com quem você vá se encontrar hoje.

— Você deveria ficar para a reunião, seria bom que anunciasse esse projeto aos investidores, seria uma excelente garantia de continuidade para ele.

— Não é você mesmo quem diz que para apresentar algo aos investidores é necessário planejamento? Pois bem, me dê tempo para

me planejar, quando eu voltar de viagem trarei um esquema completo, com fotos do terreno e avaliações de possibilidades para as coisinhas que estou pensando em fazer lá.

Se afastou, indo até a porta. Mandou um beijinho para Benjamin, dando uma piscadela logo em seguida. Saiu batendo a porta e deixando o irmão sozinho se perguntando se daquela vez Anthony realmente havia criado juízo e se interessado por alguma coisa. Às vezes sentia como se o irmão houvesse parado no tempo e se prendido à época em que era adolescente, mesmo já possuindo vinte e três. Talvez até os trinta alcançasse a maturidade, embora duvidasse muito de um milagre como esse.



Anthony entrou no elevador cantarolando o tema de sua série favorita, enquanto ajeitava o terno.

Saiu do prédio sem cumprimentar ninguém, enquanto assoviava uma canção imaginária que havia acabado de inventar. Pegou a chave do carro com o manobrista sem nem ao menos agradecê-lo, não tinha tempo para cordialidades, precisava encontrar os amigos, ainda haviam detalhes a serem esclarecidos sobre a viagem, e o principal deles incluía convencê-los a irem com ele nela.

Saltou a porta do carro e se sentou confortável no banco de couro. Ajeitou o espelho retrovisor como de costume e tirou os óculos escuros do porta luvas os colocando no rosto. Ligou o carro e saiu disparado, deixando no asfalto do estacionamento as marcas de pneu de sua Lamborghini.

Sentia o vento batendo nos cabelos, bagunçando os fios castanhos claros enquanto esses reluziam a luz do sol intenso. Aquela sensação de liberdade era um dos maiores prazeres de sua vida. Odiava quando Benjamin tentava convencê-lo a deixar de lado a vida de orgias que ele tanto adorava para viver de maneira monótona com uma única mulher e um monte de filhos. O próprio irmão que o incentivava a isso ainda não havia se casado ou tido herdeiros. Talvez esperasse que em algum momento ele fizesse isso pelos dois. Mas isso não era nem ao menos uma possibilidade. Uma única mulher não estava em seus

planos, havia aprendido a ser o tipo de homem que experimentava a diversidade e desfrutava das qualidades de várias, e crianças eram seres do qual mantinha grande distância, detestava qualquer contato com humanos com menos de 20 anos, era o mínimo de vivência que exigia para que estivessem no mesmo ambiente que ele. O mais importante para ele era: Como poderia ser um homem de família em meio as loucuras de San Francisco? Onde ainda assim se sentia um pouco puritano. *Eu seria pior em Los Angeles*, dizia ao irmão sempre que queria irritá-lo.

Acelerou um pouco mais, se deliciando com o barulho do motor misturado ao som do vento.

Estacionou o carro de qualquer maneira em uma das vagas do clube e saiu do automóvel retirando a gravata, a jogando no banco do veículo sem se importar se ela ainda estaria ali quando voltasse. Desabotoou os dois primeiros botões da camisa e entrou no local cumprimentando alguns conhecidos que encontrava pelo caminho.

Caminhou até a piscina onde seus amigos o esperavam. Parou próximo ao tanque de água para analisar algumas mulheres deitadas nas espreguiçadeiras enquanto tomavam sol. Se perguntou mentalmente o que era necessário um homem ver em uma mulher para que quisesse se casar e ter filhos, imaginou se algum dia saberia a resposta.

— Ei, Cowboy! Vêm sentar com a gente! – Jacob, o mais alto de seus amigos lhe chamou, o fazendo olhar na direção dele.

Voltou a olhar as jovens, sorrindo para elas antes de ir em direção ao grupo de quatro pessoas reunidas ao redor de uma mesa, bebendo e rindo. Se aproximou por trás dos amigos e os abraçou.

— Boa tarde, meus amores! – Passou os braços envolta dos ombros de Ryan e Jacob, que permaneceram sentados – E meus gêmeos favoritos, como estão? – Se distanciou, indo até Andrew e Alina, e repetindo o gesto.

— Porque demorou tanto? – Alina se remexeu no abraço, aborrecida, retirando algumas mechas do cabelo ruivo de frete do rosto e as jogando por cima do ombro.

Costumava ser a menos tolerante com Anthony, demonstrava sempre um grande desprezo ao jeito que ele havia passado a ver o

mundo e as pessoas nele. Teve experiências desastrosas com o playboy que a faziam detestar estar em sua presença sem a companhia do irmão, mas naquele dia estava ainda mais incomodada com ele, não se falavam há dias, e de repente ele simplesmente a ligou dizendo ser um assunto urgente e pedindo para se reunirem, atrapalhando seus planos de ir para seu spa favorito com algumas amigas.

Anthony podia ver naqueles olhos castanhos uma ira muito costumeira que só Alina era capaz de sentir em relação a ele, por algum motivo, que até ele mesmo desconhecia, sentia um prazer incomum em vê-la daquela maneira, era sua ilusão de poder em relação aos que lhe cercavam. Adorava ser o inquestionável.

— Estava assinando o restante da papelada necessária para poder despejar aquele povo todo do meu haras e começar as obras – Sorriu para ela, sentindo uma excitação repentina ao receber dela um olhar de desprezo, ninguém a tirava do sério como ele.

— Não acha um pouco cruel dispensar todos os funcionários do haras? Poderia deixá-los trabalhar lá depois da obra – Andrew lhe serviu um pouco de whisky, que sabia que ele não dispensava beber mesmo nos dias mais quentes.

— Sério? Por que eu deveria fazer isso? – Bebeu um gole da bebida – Não conheço essas pessoas, não tenho obrigação com elas, e muito menos paciência para fazer entrevistas para saber se estão à altura do projeto. É mais fácil contratar pessoas novas.

— Vai ter de fazer entrevistas de qualquer maneira – Rebateu o ruivo.

— Eu contrato uma empresa para isso.

— Então contrate uma empresa para fazer a entrevista com os antigos funcionários – Andrew rebateu mais uma vez.

— Engraçado, Andrew, eu não sabia que você havia deixado de ser engenheiro para se tornar porta voz do RH da empresa “Demissões que só desrespeitam ao Anthony”.

Colocou o copo sobre a mesa visivelmente irritado. O restante dos amigos permaneceu em silêncio, enquanto os homens se olhavam ameaçadores.

— Faça o que você quiser. Como sempre – Andrew também colocou o copo sobre a mesa e retirou um maço de cigarros de dentro do bolso da calça, ascendendo um e se distanciando deles.

Todos observaram enquanto ele caminhava pela borda da piscina se afastando cada vez mais da mesa.

— Engraçado, Alina... – Anthony voltou a tomar outro gole da bebida – Eu não sabia que o período menstrual do seu irmão estava prestes a se iniciar esse mês.

Anthony e os outros começaram a rir, enquanto a ruiva apenas olhava para ele incrédula com aquele comentário.

— Você é um idiota, Anthony – Se sentou de lado, tentando ignorá-lo.

Anthony se aproximou dela, dando a volta em sua cadeira até estar atrás dela e a abraçando com força.

— Um idiota que você adora – Sussurrou ao seu ouvido, sedutor.

Ela se afastou, voltando a se virar para ele.

— Não começa, Anthony. Você já não é um objeto da minha adoração há muito tempo. Você me traiu quando a gente namorava, você se lembra? Duas vezes. Não tenho nem ao menos porque te suportar.

— Em minha defesa elas eram mulheres maravilhosas – Revirou os olhos, debochado.

— Uma delas era uma prostituta – Alina franziu o cenho.

— Não deixava de ser gostosa por isso. Muito pelo contrário, ela vendia muito bem o seu produto.

O silêncio tomou conta da conversa, e o som vindo do restante do clube invadiu o espaço, deixando o clima extremamente desagradável. Ao lado do jardim Andrew apagou o cigarro o descartando na lixeira próxima, e voltou a se aproximar, estranhando de imediato o silêncio em que estavam

— O que aconteceu? – Franziu os olhos, olhando para cada um deles.

— Nada – Alina olhou irritada para Anthony, que com um sorriso irônico nos lábios fingia não se importar.

— É melhor falarmos de negócios – O playboy substituiu o sorriso por um ainda mais animado – Quem aqui gostaria de ir comigo para a Virgínia amanhã?

Os amigos se entreolharam imaginando o que deveriam responder.

— Por favor! Preciso que vocês vejam a propriedade para que comecemos o projeto. Preciso da minha arquiteta, meu engenheiro, meu administrador e do meu paisagista.

— Amanhã eu não posso – Alina estendeu a mão ao alto, chamando o garçom próximo – Mais um, por favor – Pediu ao homem que pegou sua taça e saiu – Tenho que revisar um projeto com um cliente.

— Eu também não – Andrew olhou para ele – Tenho que vistoriar uma obra.

— E vocês dois? – Anthony olhou para Jacob e Ryan.

— Eu tenho reuniões amanhã. Eu administro minha própria empresa fora dos seus negócios, tenho compromissos – Ryan se escorou na cadeira, puxando a garrafa de whisky e derramando um pouco da bebida no copo.

— E você, Jacob? Fala para mim que o meu paisagista favorito não vai me deixar na mão. Vamos nós dois, e eles vão no final de semana. Que tal? Vai ser bom para você se distrair um pouco.

O homem olhou para ele por alguns instantes antes de abrir um sorriso e se levantar estendendo a mão para que ele a apertasse.

— Pode contar comigo.

Anthony se levantou animado, segurando sua mão e o puxando para um abraço. No fundo estava com medo de viajar sozinho.

— Perfeito! Jacob e eu vamos e preparamos tudo para a ida de vocês. Não me responsabilizo se quando chegarem não tiver mais bebidas, vocês serão culpados por não terem ido – Anthony olhou para Andrew – E eu aproveito para conversar com os funcionários para saber se vão desejar continuar trabalhando no haras pelo menos durante as obras.

Andrew abriu um sorriso e abaixou a cabeça, olhando para o chão. No fundo, Anthony tinha um bom coração, não era tão imbecil quanto fazia as pessoas acreditarem.

Brindaram ao projeto e a realização de um sonho de infância de Anthony de ter um haras só dele.



Era mais de meia noite quando parou à frente da porta de seu apartamento. Estava bêbado e cansado. Haviam passado a tarde toda e boa parte da noite de festa em festa, bebendo e se divertindo com os amigos, apenas Alina se recusou a sair com eles, havia realmente se magoado com o comentário sobre as mulheres com as quais a traiu. Não conseguia se lembrar de nenhum momento na relação deles em que não estivessem brigando, ou um dia se quer em que ela não tenha lhe chamado de infantil, e embora fizessem quase quatro anos de término, ainda havia ali uma ferida aberta e exposta na qual ele não pensou duas vezes antes de tocar. Às vezes se sentia a personificação do diabo quando ignorava os sentimentos alheios e priorizava seus desejos e vontades sem se importar o quão mal as pessoas ao redor se sentiriam. Desejava mudar aquilo, mas via aquele comportamento como um vício impossível de ser abandonado. Um vício que havia tomado conta dele como um mecanismo de defesa após muita pressão emocional.

Cambaleou para dentro do apartamento e trancou a porta com dificuldade. Se sentou em sua poltrona no meio da sala e olhou ao redor, para cada centímetro da sala repleta de moveis escuros e decorações modernas. Benjamin tinha razão, aquele lugar era grande demais para ser tão vazio. Precisava de mais alegria. Nem mesmo quando dava festas e convidava dezenas de mulheres para estarem ali com ele, aquele lugar deixava de ser solitário. Tudo ali era exagerado e extravagante, desde os móveis extremamente sofisticados de tons escuros, até a lareira completamente desnecessária para a qual olhava sentindo remorso de algo que desconhecia. No fundo sabia que toda aquela solidão emanava dele, e que tinha de lutar dia após dia para que esse sentimento não o dominasse cada vez que colocava os pés naquele apartamento. Desejava voltar aos seus dezessete anos e começar de

novo, se casar quando teve vontade, não escutar quando Benjamin lhe disse que era novo de mais, talvez não estivesse sozinho naquele apartamento caso tivesse dado ouvidos ao seu coração e não ao seu irmão mais velho.

Se levantou da poltrona e foi em direção ao seu quarto, se escorando na parede do longo corredor para que não caísse. O apartamento parecia girar. Parou próximo à porta, analisando todo o local como se fosse a primeira vez. A decoração que normalmente lhe agradava, parecia zombar dele e atirar à sua cara as certezas de que havia nascido para estar só. Os tons escuros da madeira que revestia boa parte das paredes e os lençóis cinza de tonalidade muito pesada se embaralhavam diante dos seus olhos, lhe dando a impressão de que tudo naquele quarto não passava de um grande quadro borrado onde as cores se misturavam e formavam um único elemento. Beber muito e ir para a casa sozinho era sem nenhuma dúvida uma grande porcaria que costumava fazer frequentemente. Já havia perdido o respeito e a decência própria que o impedia de fazer tal coisa sabendo que posteriormente se arrependeria do pesadelo que a volta para casa sempre se transformava assim que punha os pés naquele lugar.

Retirou o terno com dificuldade e se jogou na cama. Precisava descansar para o dia seguinte, teria muito a resolver antes de embarcar no helicóptero que o levaria à sua nova propriedade. Olhou fixamente para o teto e imaginou como seria sua próxima noite estando em uma fazenda, em um ambiente que lhe lembraria a selvageria natural do mundo fora das selvagerias urbanas da qual sempre desfrutava. Um pouco de diversidade e mudança lhe fariam bem, sentia que voltaria renovado de sua viagem. Sempre adorou a natureza, mas desde a conclusão da universidade havia dois anos estava sendo privado de estar em meio a ela graças a suas obrigações na empresa. E seu irmão ainda tinha a coragem de lhe dizer que não conseguia enxergar motivos para que ele odiasse o dia a dia administrativo do império da família.

Fechou os olhos esperando o sono. Sentiu sua cabeça pesar sobre o travesseiro como se uma pedra houvesse sido colocada sobre ele. Tentou relaxar enquanto seus pensamentos formavam imagens distorcidas e sem nexos, até enfim moldarem uma cena um pouco mais

complexa. Uma silhueta feminina em meio a um campo. Piscou algumas vezes impressionado com a intensidade do pensamento. As mulheres que havia visto durante o dia haviam mexido com sua cabeça, não devia ter deixado que os pensamentos sobre família e futuro invadissem sua mente, estava imerso nas possibilidades.

Rolou várias vezes sobre os lençóis, inquieto com as sensações que sentia, não conseguia nem ao menos fechar os olhos sem que aquela imagem invadisse sem anúncio seu pensamento, cada vez mais nítida e detalhada. O que antes era apenas um vulto em meio as gramíneas, foi tomando forma, cores, até mesmo sons. Não conseguia ver o rosto, mas podia imaginar perfeitamente os cabelos loiros balançando ao vento, enquanto a pele pálida reluzia e um dourado intenso encobria a planície dominada pela claridade alaranjada do que imaginou ser o pôr do sol em sua imaginação. Logo o som dos ramos balançando em meio ao vento invadiu seu córtex, assim como múrmuros hipnotizantes de uma voz feminina muito delicada, quase angelical, que chamava seu nome. Se sentou na cama perplexo com a capacidade imaginativa que havia lhe invadido depois de algumas doses de álcool.

Permaneceu de olhos abertos por muito tempo, tentando não deixar que a imagem invadisse sua mente. Acabou dormindo quase duas horas depois, quando não conseguiu conter o sono e se deixou levar pela ilusão, mesmo temendo as consequências que ela causaria ao seu humor quando acordasse.



Capítulo 2

Se levantou pela manhã chutando as cobertas de cima da cama e as espalhando pelo chão. Estava aborrecido, confuso e dominado por uma sensação estranha de necessidade da qual não conseguia se livrar.

Pegou o celular para conferir as horas. Havia oito ligações de Jacob. Quando chegou em casa na noite anterior, esqueceu de programar o despertador como jurou que faria assim que marcou com o amigo de se encontrarem para comprar algumas coisas que levariam para o haras.

Tomou um banho às pressas e saiu sem nem ao menos tomar uma xícara de café.

Às dez horas parou em frente ao hotel onde o amigo estava hospedado desde a sua separação repentina da esposa. Se sentia culpado por ter sido o grande investidor da noite de orgias que levou o homem a trair a companheira. Mas como poderia saber que a mulher apareceria na festa e flagraria Jacob na cama com outra?

Espantou aqueles pensamentos e olhou para a porta do hotel de onde Jacob saiu visivelmente abatido. O moreno alto e imponente mais parecia uma borboleta cujo as asas haviam sido arrancadas, com os ombros curvados e cabisbaixo, não se parecia nada com o homem com quem havia se divertido na noite anterior.

Jacob entrou no carro sem nem ao menos cumprimentá-lo. Colocou o cinto e olhou para as próprias mãos sobre o colo.

— O que aconteceu? — Anthony buscou seus olhos, preocupado.

— Ela vai se divorciar de mim, Anthony. Luna desistiu do nosso casamento, ela me pediu o divórcio hoje.

Anthony sentiu como se um peso houvesse acertado seu coração. Olhou para o amigo e viu nele o retrato da derrota. O paisagista sorridente e otimista de feições contagiantes havia dado lugar a um